

**GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,**

HCOB DE 23 DE MAIO DE 1971R-II

AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO

Tirado de uma gravação de LRH de 2/7/64: "O/W Modernizado e Revisto"

Para poder fazer algo por alguém tem que ter uma linha de comunicação com ele.

As linhas de comunicação dependem da realidade, da comunicação e da afinidade. Quando um indivíduo é demasiadamente exigente, a afinidade tende a diminuir ligeiramente.

O processamento compreende duas etapas:

1. Entrar em comunicação com o que estão a tentar processar;
2. Fazer alguma coisa *por* ele.

Há muitos Pcs que andam por aí entusiasmados com o auditor o qual não fez nada *por* eles. Tudo o que aconteceu foi ter sido estabelecida uma grande linha de comunicação com o Pc e isso é tão novo e tão estranho, que ele considera ter ocorrido um milagre.

Ocorreu um milagre, mas neste exemplo particular, o auditor negligenciou totalmente a *razão* de, em primeiro lugar, ter estabelecido aquela linha de comunicação. Primeiro que tudo, ele estabeleceu-a para fazer algo pelo Pc.

Muitas vezes o auditor confunde o facto de ter estabelecido uma linha de comunicação e a reação do Pc a este facto, com ter *feito* algo pelo Pc.

Existem duas fases.

1. Estabelecer uma linha de comunicação.
2. Fazer algo pelo Pc.

Estas são as duas fases distintas. É assim como (1) Andar até ao autocarro e (2) Ir fazer uma viagem. Se não fizerem a viagem *nunca* irão a lugar nenhum.

É muito delicado e não deixa de ser importante ser capaz de comunicar com um ser humano nunca antes tocado pela comunicação. É bem notável, e é um feito tão notável que para alguns parece ser o fim de toda a Cientologia.

No entanto, vemos que isso é apenas ir até ao autocarro. Agora, temos de *ir* a qualquer lugar.

Qualquer perturbação que o indivíduo tenha, está tão instável, tão delicadamente equilibrada, que é difícil de se manter de pé. *Não é difícil ficar-se bem.* É muito duro permanecer maluco. A pessoa tem de trabalhar para isso.

Se a sua linha de comunicação for *muito* boa e *muito* suave, se a sua disciplina de audição for *perfeita* de modo a não perturbar esta linha de comunicação e se tivesse acabado de fazer uma intromissão com uma importância não maior do que dizer algo como: "o que é que estás a fazer de sensato e por que é que é sensato?", e se mantiver sempre alta a linha de comunicação e uma

grande afinidade com o Pc e se fizer isso com perfeita disciplina, verá mais aberração a despedaçar-se por centímetro quadrado do que jamais imaginou que fosse possível existir.

Bem, é isso o que quero dizer quando digo *fazer algo pelo Pc*.

É preciso auditar bem, ter uma disciplina *perfeita e aplicar* o ciclo de comunicação. Não quebre o ARC do Pc e *acabe* os seus ciclos de ação.

Tudo isto é simplesmente uma entrada. A disciplina da Cientologia torna isto possível, e uma das razões pela qual outros campos da mente nunca avançaram, não conseguindo nunca uma aproximação, foi devido a não poderem comunicar com ninguém.

Assim sendo, esta disciplina é *importante*.

É a escada que sobe até à porta e se não se chegar à porta, não se pode fazer nada.

A disciplina perfeita de que falamos, *o ciclo de comunicação perfeito*, a presença perfeita do auditor, a leitura perfeita do e-metro, todas essas coisas são apenas para levarem ao estado de *poder* fazer algo por alguém.

Então, quando você é realmente vagaroso a adquirir a disciplina, realmente vagaroso a aprender a manter o ciclo de comunicação, quando é fraco no assunto, está ainda a 10kms da festa. Nem sequer está ainda a assistir a ela.

O que deseja poder fazer é auditar *perfeitamente*. Quer dizer, manter um ciclo de comunicação, ser capaz de chegar perto do Pc, ser capaz de falar ao Pc e *manter* o ARC. Fazer o Pc *responder* às suas perguntas. Ser capaz de ler o metro e obter *leituras*.

Todas estas coisas têm de ser *muito bem-feitas*, pois, de qualquer forma é muito difícil conseguir uma linha de comunicação com alguém. Todas têm de estar presentes e todas têm de ser *perfeitas*. Se estiverem todas presentes e forem todas perfeitas, *então podemos começar* a auditar. Só então podemos começar a dar processamento a alguém.

Estou a dar aqui um ponto da entrada. Se todos os ciclos estão perfeitos, se foi possível sentarem-se ali e confrontar o Pc, colocá-lo no e-metro, manter o relatório de auditor e fazer todas essas múltiplas e variadas coisas, e ainda conservar um sorriso agradável e não cortar a comunicação do Pc, bem, agora há algo a fazer com tudo isto. Agora é necessário um processo.

Costumávamos ter tudo isto ao contrário. Costumávamos tentar ensinar às pessoas o que podiam fazer por alguém. Porém, não podiam nunca entrar em comunicação com esse alguém para esse fim e, portanto, aconteceram insucessos na audição.

O procedimento mais elementar seria: "O que é que achas sensato?", ou qualquer coisa parecida. O Pc diz: "Bem, acho que os cavalos dormem em camas. Isso é sensato". O auditor diz: "Está bem. Então, por que é que isso é sensato?". O Pc diz: "Bem... ah... Hem?... Isso não é sensato. É loucura!" Na verdade, não seria preciso fazer mais nada para além disto. Ele cognitou. A coisa está esgotada. É tão fácil, mas você continua à procura da magia.

Bem, a magia reside em entrar em comunicação com essa pessoa. O resto é muito fácil, é só manter a comunicação com ela enquanto a fazemos e compreender que essas imensas aberrações que a pessoa tem se equilibram de modo fantasticamente delicado sobre cabeças de alfinetes. Tudo o que há a fazer é soprar e tudo se desmorona.

Agora, se não estiver em comunicação com a pessoa, ela não cognita. Ela assume o que lhe disserem como uma ação acusativa. Tenta justificar-se por pensar daquele modo. Tenta dar uma boa imagem e apresentar, dum modo ou de outro, uma fachada. Tenta manter o seu status.

Sempre que vejo um bando de Pcs a quererem à viva força entrar em coisas diferentes, porque acham ser isso que se percorre nas pessoas sãs (e nas pessoas malucas é que se percorrem outras coisas e eles não querem percorrer coisas malucas), sei logo que os seus auditores não estão em comunicação com eles e que a própria disciplina da audição se desfez, pois o Pc está a tentar justificar-se e a procurar afirmar o seu próprio status. Assim, deve defender-se do auditor.

Não é possível que o auditor tenha estado em comunicação com ele.

Estamos, assim de volta ao fundamento de porque é que o auditor não entrou em comunicação com o Pc.

Em primeiro lugar, entra em comunicação com o Pc pondo em prática a disciplina científica. Não contém truques. É tão simples como 1, 2, 3, 4.

Senta-se, começa a sessão, inicia o manejo do Pc e dos seus problemas e esse género de coisas. FÁ-LO COMPLETANDO OS CICLOS DE COMUNICAÇÃO E SEM LHE CORTAR A COMUNICAÇÃO: AS MESMÍSSIMAS COISAS QUE ENSINAM NOS TRs, e verifica assim que está em comunicação com a pessoa. Agora terá que fazer algo por ela.

Uma vez em comunicação, se não fizer nada pela pessoa, perderá a linha de comunicação, pois o Fator R da razão de se estar em comunicação com o Pc quebra-se. Ele já não pensa que é assim tão bom e você deixa de estar em comunicação com ele. Acontecendo isto, a pessoa entrará numa espécie de defesa do seu status e começará com conjecturas acerca da razão porque está a ser auditada.

Por outro lado, se tiver feito algo pelo Pc, tendo ele tido a sua cognição, e se tentar prosseguir para obter mais movimento de TA do assunto de "todos os cavalos dormirem em camas", não irá lá, pois o processo já está esgotado.

Pode ultra-auditar e pode sub-auditar.

Se não reparar que foi dada uma resposta que indicava ter feito algo pelo Pc e o manteve a batalhar na mesma coisa, o movimento do TA desaparecerá, o Pc ficará ressentido e a linha de comunicação perder-se-á.

Vejamos, ele já teve a sua cognição. Agora está só a restimulá-lo. Já obtive o seu fator de desrestimulação de key-out. Aconteceu bem diante dos seus olhos. Fez algo pelo Pc. Mais uma só menção do assunto e está perdido.

Há uma porção de coisas que podia fazer *com* o Pc, sem fazer nada *por* ele. Pode ligar belíssimos somáticos num Pc uma vez por outra, sem nunca os desligar. Mas o que nós temos é que fazer algo *pelo* Pc e não *ao* Pc.

Por outro lado, pode estar a fazer (A) e o Pc a fazer (B), continuar a fazer (A) e o Pc a fazer (B), e então, nalgum ponto do percurso, acaba numa confusão infernal e sem saber o que aconteceu.

Ora, o Pc nunca fez o que lhe disse, portanto não fez nada por ele. Não houve, de facto, nenhuma barreira à sua disposição para fazer algo pelo Pc, mas deve ter havido uma tremenda barreira à sua compreensão do que estava a acontecer.

A perguntarem (A), enquanto o Pc respondia (B), mostrava, por si só, que a observação do auditor era muito pobre, não estando, portanto, em comunicação com o Pc.

Assim, novamente, o fator comunicação estava ausente e, uma vez mais, não estava a fazer nada pelo Pc.

Requer disciplina da parte do auditor para manter a sua linha de comunicação a funcionar. Ele precisa permanecer em comunicação com o seu Pc. Esses ciclos têm de ser perfeitos. Ele não pode distrair a atenção do Pc para o TA, (por exemplo: "não estou a obter agora nenhum movimento do TA"). Isto não é estar em comunicação com o Pc, não tem nada a ver com isso. Está é a distrair o Pc das suas próprias áreas e zonas.

Não ponha a atenção do Pc fora de sessão. Mantenha-o a avançar e a linha de comunicação a funcionar. O requisito seguinte é fazer algo produtivo pelo Pc, usando a linha de comunicação.

L. Ron Hubbard
Fundador